

GUIMARÃES ROSA, João. **Manuelzão e Miguilim: (Corpo de Baile)**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Apresentação de Paulo Rónai. ISBN 85-209-1177-3.

Renato Araújo Teixeira
Doutor em Geografia pela UFG
renatoaraujoifg@gmail.com

Alexsandra Gonçalves Rezende
Graduanda do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás
rezendealexandra@yahoo.com.br

Felipe Tubertino dos Santos
Graduando do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
faster_filipy@hotmail.com



João Guimarães Rosa, mais conhecido como Guimarães Rosa, nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, no dia 27 de junho de 1908. Foi um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos e exerceu também as profissões de médico e diplomata. Em 1929 estreou nas letras, escrevendo quatro contos: “O Caçador de Camurças”, “tempo e destino”, “O mistério de highmore hall” e “Makiné”. Os contos e romances escritos pelo autor ambientam-se quase todos no chamado “sertão brasileiro” e suas obras destacam-se pelas inovações na linguagem.

Em 1951 começa a investigar a vida no sertão, os usos, as crenças, os costumes, as músicas, a fauna e a flora, e como resultado desta escreve “O corpo de Baile”, que se divide em três partes: "Manuelzão e Miguilim", "No Urubuquaquá, no Pinhém" e "Noites do Sertão". O autor publicou várias obras, dentre elas, em 1956 “Grande Sertão: Veredas”, que é aclamada pela crítica por suas inovações na forma e na escrita. Guimarães Rosa faleceu em 19 de novembro de 1967 aos 59 anos, de mal súbito no Rio de Janeiro.

No que se diz respeito à obra em destaque na presente resenha, a mesma inicia-se com a nota do editor. Em seguida, há a presença de um poema intitulado de “um chamado João”, de Carlos Drummond, o qual foi publicado no Correio da Manhã de 22 de novembro de 1967, três dias após a morte de João Guimarães Rosa. Inclui-se também, na obra, um artigo

nomeado de “Rondando os segredos de Guimarães Rosa”, em que refere-se ao livro “corpo de baile”, cuja primeira edição foi escrita em 1956.

A obra foi dividida pelo próprio João Guimarães Rosa, em três volumes autônomos: Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão. Essa resenha se atém a primeira parte no qual destaca o romance “Manuelzão e Miguilim”, um livro com 153 páginas dividido em duas partes: Campo Geral, onde há uma ênfase a Miguilim e Uma estória de amor, na qual se destaca Manuelzão.

Essa primeira parte da obra de Guimarães Rosa, “Manuelzão e Miguilim”, narra à história de Miguilim, um garoto de oito anos que vivia com a família no Mutum, situado no meio dos Campos Gerais. Juntamente com a sua família viviam o irmão do pai (Tio Terêz), vovó Izidra, Rosa cozinheira, Maria pretinha a empregada e Mãitina. A família do menino criava vários cachorros. Entretanto, Pingo de Ouro, a predileta de Miguilim foi dada para uns tropeiros pelo pai, quando já estava quase cega. Dito, o irmão querido de Miguilim, certa vez avisa para o irmão mais velho que o pai está batendo na mãe e Miguilim, por tentar defendê-la, é colocado de castigo. Dito, como “quem não quer nada”, aproxima-se dele para fazer companhia sem que os outros percebam, já que ninguém podia conversar com quem estava de castigo.

Após esta passagem textual, surge a figura de Seo Deográcias, conhecedor de remédios, o qual receita algumas ervas para que Miguilim não adoecesse, por achar muito fraco. A partir desse fato, o garoto pensa que vai morrer de tuberculose e faz um pacto com Deus, no qual caso não morresse dentro de dez dias, não morreria mais. No último dia o menino não saía da cama, esperando a morte chegar. E Dito, preocupado com a situação, chamou Seo Aristeo, o qual conseguiu convencê-lo de que não iria morrer. O pai de Miguilim (Nhô Béro) ficou feliz e resolveu dar ao garoto o serviço de levar comida para ele na roça. Assim, Miguilim se alegrou porque o pai passa a brigar menos com ele. Na volta da primeira vez que foi exercer o serviço, Miguilim encontrou seu Tio Terêz, que lhe entregou um bilhete para que ele entregasse para sua mãe. No entanto, o garoto nunca entregou o tal recado.

Dito corta o pé com um caco e, em razão disso, contrai tétano, o qual causa muitas dores. Tendo sempre ao seu lado o irmão Miguilim, na véspera do natal, o garoto enfermo se encontrava cada vez pior e em decorrência disso acabou por falecer, o que causou grande dor no seu irmão que tanto o amava e em toda família. Algum tempo depois, Miguilim adocece, sente dores na nuca, fraqueza e a partir daí o menino percebe que, mesmo com tantas desavenças, o pai o amava, mesmo que fosse do jeito dele. O garoto piorou o seu estado de saúde, tendo, ao seu lado, a companhia da avó Izidra, que junto dele rezava. Certo dia recebeu

a notícia de que seu pai havia se enforcado com um cipó. Aos poucos a criança foi se recuperando e sempre pensando em seu irmão Dito.

Um dia chegou ao Mutum dois homens para caçar, um deles chamado Dr. Lourenço, que, ao encontrar Miguilim, fez alguns testes de visão e descobriu que ele era míope. O doutor emprestou para o menino seus óculos, onde, ao colocar os mesmos, ele se encantou com o mundo que viu pela primeira vez. O médico o convidou para morar na cidade, para estudar. Encorajado pela mãe, o garoto aceitou o convite. Porém, antes de ir embora, pediu mais uma vez o óculos emprestado ao Lourenço e enxergou Mutum como um lugar bonito e viu seus familiares.

O foco da obra de Guimarães Rosa “Manuelzão e Miguilim” é a infância, o menino (Miguilim), o qual olhou o mundo dos adultos e chegou à conclusão de que não queria fazer parte do mesmo, representando uma dualidade entre dois mundos (Criança X Adulto),

Miguilim observa seu irmão, Dito, como um conhecedor da verdade. Segundo Rubem Alves, “O sábio é um adulto com olhos de criança”, sendo uma provável justificativa sobre a vontade do menino em se preservar como uma eterna criança. O texto tem a estrutura de uma tragédia grega, uma vez que há um triângulo amoroso entre a mãe de Miguilim (Nhanina), o pai do garoto (NhôBéro) e o Tio Terêz. E o sofrimento do menino com o pai, vinha por este ter dúvida se o garoto era ou não seu filho.

A morte é um dos temas centrais de Guimarães Rosa, e que se faz presente nesta história, através da perda da cadela Pingo de Ouro e do Dito, sendo dores muito fortes para Miguilim, as quais representam um aprendizado, pois tais sofrimentos o tornam mais maduro e forte. Há intertextualidades ao longo da história, como dos personagens do Tio Terêz e do pai de Miguilim, os quais tinham ódio um pelo outro, com a história bíblica de Caim e Abel, narrada no livro de Genesis e que teria sido o primeiro homicídio da humanidade. Os óculos no final da história permitiram a visão de uma nova vida para Miguilim, já que, como diz Rubem Alves (1994) “ É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo”. Miguilim deixa uma vida de cegueira e escuridão, para visualizar uma vida de luz, uma vida melhor, o que também nos remete a obra “Ensaio sobre a cegueira”, do autor português José Saramago.

Recomenda-se a leitura desta obra, em especial para aqueles que buscam entender um romance de cunho sertanejo, o qual leva os leitores a uma crítica e reflexão. O objetivo primaz desta obra foi de escrever temas complexos como a infância, amor, família, dentre outros. É um livro curto, no qual esmiuçou uma linguagem extremamente poética, filosófica e

oral, com notável aspecto regionalista. Essa leitura é imprescindível para estudantes de graduação e pós-graduação que vislumbram aprofundar nos estudos literários e geográficos.

O autor preocupou-se com uso adequado da linguagem regionalista, ousando utilizar termos próprios do sertão, além de fazer um excelente encadeamento de temas e parágrafos, deixando a leitura agradável e rica. É uma obra prazerosa, porque apresenta uma linguagem de fácil entendimento, repousando-se em uma idéia filosófica e sociológica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3ª edição, ARS Poética Editora Ltda,1994.

Recebido para publicação em 10/02/2014

Aceito para publicação em 22/05/2014